

GRUPOS DE APOIO A CUIDADORES FAMILIARES DE PACIENTES ONCOLÓGICOS COMO FERRAMENTA PARA TROCA DE SABERES

ANA CAROLINA TEIXEIRA¹; **FABIANE DEBASTIANI²**; **MAYARA DE OLIVEIRA**
WALTER³; **CAMILA GRIEBELER⁴**; **SILVIA SILVA DE SOUZA⁵**; **JULYANE**
FELIPETTE LIMA⁶.

¹*Universidade Federal da Fronteira Sul (discente) – ana_carolina.t@hotmail.com*

²*Universidade Federal da Fronteira Sul (discente) – fabi_debastiani@hotmail.com*

³*Universidade Federal da Fronteira Sul (discente) – mayarawalter14@gmail.com*

⁴*Universidade Federal da Fronteira Sul (discente) – camilagriebeler11@hotmail.com*

⁵*Universidade Federal da Fronteira Sul (docente) – silvia.souza@uffs.edu.br*

⁶*Universidade Federal da Fronteira Sul (docente) – julyane.lima@uffs.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

No contexto do cuidado em oncologia, além da mobilização de competências técnicas para o manejo do paciente que recebe tratamento para o câncer, o enfermeiro é desafiado a transcender o estigma que envolve esta doença e tratamento, planejar o cuidado de forma a contemplar as necessidades em saúde destes considerando os nós de sua trajetória de padecimento (MUNIZ; ZAGO; SCHWARTZ, 2009). Sob esta ótica, é essencial o envolvimento da família/cuidadores como atores no processo de cuidar do paciente oncológico.

Sabendo-se que a família é o primeiro sistema de cuidados acessado pelas pessoas e é o contexto onde as primeiras práticas de cuidado se dão. A família compartilha do sofrimento do paciente oncológico demandando atenção dos profissionais dos serviços de saúde. Entretanto, a família ainda encontra-se marginalizada nos processos de cuidar aos pacientes oncológicos, necessitando de atenção às suas necessidades de informação e participação, pois a adesão depende do empenho tanto de cuidadores profissionais quanto de cuidadores/familiares, sendo que estes somente poderão cuidar adequadamente com o auxílio daqueles (ELSEN; SOUZA; MARCON, 2011).

Desta forma, o revezamento dos cuidadores, quando possível, pode constituir importante estratégia para evitar o desgaste físico e emocional do cuidador principal, já que todos os cuidados acabam ficando a cargo deste. É importante, também, a formação de grupos de cuidadores, onde se propicia a troca de experiências e a obtenção de conhecimento através de relatos de fatos ocorridos durante os cuidados proporcionando, assim, compartilhamento de conhecimentos que podem ajudar no seu desempenho e contribuir para melhora do estado emocional do cuidador (INOCENTI; RODRIGUES; MIASSO, 2009).

Considerando-se as demandas sobrepostas à família do paciente oncológico durante o tratamento, e a sobrecargaposta aos cuidadores destes pacientes, optou-se por estabelecer grupos de apoio e ajuda a estes familiares que acompanham os pacientes durante os períodos de internação hospitalar, atendendo suas demandas e necessidades em saúde, fornecendo-lhes informações e esclarecendo dúvidas, estabelecendo momentos de trocas de experiências e conhecimentos por meio de conversas em grupo reunindo pessoas que estão em uma mesma situação. Além de auxiliar a equipe de profissionais da unidade com relação a ações educativas e informações relevantes relacionadas ao cuidado do paciente e funcionamento da unidade.

2. METODOLOGIA

O projeto foi encaminhado para o setor de oncologia do Hospital Regional do Oeste, e depois de autorizada, foi enviado para análise do departamento de extensão da Universidade Federal da Fronteira Sul e aprovada em conformidade ao edital Nº 804/2014, sendo instrumentalizada e tendo um cronograma de atividades definido.

As atividades iniciaram-se com a realização de um questionário com os familiares cuidadores, com o intuito de estabelecer o perfil dos acompanhantes para as futuras abordagens durante as conversas nos encontros que se sucederam. Esta etapa teve uma duração de dois meses. No questionário foram abordadas perguntas relacionadas ao local de origem do cuidador e do paciente, ocupação profissional e escolaridade de ambos, nível de parentesco do cuidador com o paciente, conhecimento que possuíam sobre o diagnóstico do paciente, tempo que estavam acompanhando o paciente e se eram os cuidadores principais. O questionário foi realizado de forma individual com cada acompanhante. Após o período do questionário, foi feita uma análise dos depoimentos para estabelecer qual era o perfil dos cuidadores e quais temas seriam abordados durante as conversas nos encontros a serem realizados posteriormente.

Os encontros tinham duração média de uma hora, ocorriam semanalmente às quintas-feiras em horários intercalados a tarde (16 horas) e a noite (19 horas), e eram realizados nas dependências do setor de Oncologia I do Hospital Regional do Oeste, alternando entre a sala de apoio disponibilizada para os acadêmicos voluntários desenvolverem o projeto e nas áreas de convivência interna e externa do setor. Para a realização dos encontros, os acadêmicos voluntários passavam nos quartos convidando os acompanhantes para participarem das conversas, ressaltando que a participação era espontânea e poderiam se sentir a vontade para recusar o convite se assim desejassem, além de que, estavam livres para se ausentarem a qualquer momento durante a conversa. Realizaram-se um total de 24 encontros e ao final de cada um destes, os acadêmicos voluntários relataram suas experiências em diários pessoais onde destacavam os principais assuntos abordados durante as conversas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente durante a realização dos encontros, após reunir os acompanhantes que se dispuseram a participar da conversa, os acadêmicos voluntários faziam uma breve apresentação e relatavam os objetivos da realização dos encontros; posteriormente eram os cuidadores que se apresentavam, dizendo o nome, seu local de procedência, ocupação profissional, quem estavam acompanhando e então iniciava seus relatos pessoais, sobre a vida após o diagnóstico de câncer do familiar que estavam acompanhando.

Durante as conversas, os cuidadores relatavam suas rotinas para os outros acompanhantes presentes, narrando como reagiram diante da notícia das adversidades que enfrentariam dali por diante, e como o diagnóstico mudou a rotina da família, enfatizando a forma como prestavam os cuidados ao paciente em casa, da maneira como foram orientados a agir a partir do momento em que estavam no domicílio cuidando de seus familiares e como solucionavam os contratemplos que surgiam no dia a dia. Diante dos relatos dos cuidadores/familiares percebeu-se que cada um reagia à adversidade vivenciada pelo familiar de forma particular e única.

Ao final de cada encontro, os cuidadores mencionavam que se sentiam bem durante os encontros, pois desta forma poderiam compartilhar suas vivências com pessoas que estavam passando pela mesma situação. Troca de experiências, isto porque encaravam as conversas como uma forma de terapia, já que passavam tanto tempo acompanhando o familiar e muitas vezes acabavam esquecendo que eles mesmos necessitavam de cuidados. Como consequência dos encontros realizados, os acompanhantes que já haviam participado dos encontros, contaram aos acadêmicos voluntários que perceberam uma mudança de ânimo após frequentarem os encontros, sentiam-se aliviados por compartilharem o conhecimento que possuíam e mais enriquecidos em ouvir os relatos de seus colegas de grupo. Evidenciaram que uma simples conversa, até nos corredores pode mudar o dia de uma pessoa se ela estiver se sentindo angustiada, e que a partir dos encontros iniciavam conversas com os cuidadores de outros quartos a fim de manter a troca de experiências para além das conversas do grupo.

O propósito inicial da realização do projeto era de levar informações aos cuidadores, a fim de esclarecer dúvidas dos mesmos diante das adversidades enfrentadas, porém, durante as conversas percebeu-se que os cuidadores, principalmente aqueles que já estavam acompanhando o tratamento de seus familiares há bastante tempo, sabiam muito mais do que os acadêmicos poderiam prever. Estes conheciam a rotina do hospital, do tratamento que seus familiares estavam recebendo, e principalmente, sabiam da sua importância como ator fundamental e motivador de uma boa recuperação ao familiar doente. Grande parte das dúvidas que os cuidadores expuseram durante as conversas giravam em torno dos cuidados no domicílio e do acompanhamento nutricional, onde foram orientados a conversar com o médico de cada paciente e a equipe profissional responsável pelo setor, pois cada caso é singular e demanda cuidados específicos. Dúvidas mais gerais, como as relacionadas à rotina do hospital e cuidados básicos, eram esclarecidas pelos acadêmicos voluntários conforme iam surgindo.

Quando questionados sobre o atendimento prestado pela equipe profissional, todos os cuidadores relataram que sempre foram muito bem atendidos, e entendiam que por vezes a demora em serem acolhidos, devia-se a rotina intensa do setor.

4. CONCLUSÕES

Em virtude do que foi mencionado, conclui-se que os objetivos estabelecidos no projeto foram alcançados. Ao final de cada encontro os participantes elogiaram a iniciativa do projeto admitindo que as conversas foram de grande valia, pois perceberam que momentos como os que ocorreram durante os encontros propiciaram trocas de experiências significativas e motivadoras. Para os acadêmicos voluntários, as conversas estimularam a busca por mais conhecimento científico, sendo que as maiores e mais enriquecedoras experiências foram adquiridas durante os encontros, que lhes proporcionaram vivências únicas e extremamente valiosas para o progresso acadêmico, pessoal e profissional. São lições de vida onde cada um leva pra si aquilo que de melhor pode aproveitar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MUNIZ, R.M.; ZAGO, M.M.F.; SCHWARTZ, E. As teias da sobrevivência oncológica: com a vida de novo. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.18, n.1, p.25-32, 2009.

ELSEN, I; SOUZA, A.I.J. de; MARCON, S.S. (organizadoras). **Enfermagem à família: dimensões e perspectivas**. Maringá: Eduem, 2011.

INOCENTI, A.; RODRIGUES, I.G.; MIASSO, A.I. Vivências e sentimentos do cuidador familiar do paciente oncológico em cuidados paliativos. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [internet], v.11, n.4, p.858-865, 2009.